HISTÓRIA LITERÁRIA DO CEARÁ

(Dos "Oiteiros" ao Grupo Clã)

MOZART SORIANO ADERALDO
Do Instituto do Ceará

"O Ceará não é um salão de baile. É escola" — assim procurou caracterizar qualquer atividade dos cearenses o pernambucano Sílvio Júlio.[1]

Fortemente marcada por essa vocação objetiva tem sido a literatura cearense. Os estudos sobre nossas origens, nossas tendências, nossos problemas sócio-econômicos (dentre os quais é prioritário o relativo às crises climáticas) sobressaem diante dos demais, não obstante ter o Ceará dado ao Brasil o jurista das Américas — Clóvis Beviláqua, o criador da prosa de ficção lidimamente nacional — José de Alencar, o maior pensador brasileiro — Farias Brito, o mais eminente historiógrafo do país — Capistrano de Abreu, e o primeiro maestro que se debruçou sobre as nossas origens musicais — Alberto Nepomuceno.

Foi-me dado dizer em oportunidade outra, e agora o repito, que o gritante paradoxo entre a pobreza econômica e a riqueza intelectual do Ceará provém da intensidade da competição, obrigando o cearense a buscar apoio para a sua classificação social nas vitórias intelectuais, reproduzindo destarte opinião abalizada do sociólogo Abelardo Montenegro. As vitórias intelectuais hão servido de promoção para a conquista de lugar destacado no meio social, pelo que a competição entre todos, nem sempre desvestida daquelas "infamiazinhas tão tipicamente provincianas", funcionam como seletor natural que projeta

apenas as figuras mais representativas do meio ambiente. Somem-se a isto o espírito rústico, a verve e a malícia de nosso povo, responsável pelo desmascaramento de falsos valores empavonados. Mas o afã demolidor do cearense não significa leviandade ou superficialidade. Como bem acentuou Gilberto Freyre,[2] a cultura cearense é "dinâmica, ativista e ascética. Cultura do fabricante de rede mais para o sono indispensável e nômade que para o luxo do repouso gostoso, sedentário e contemplativo; de fabricante de alpercatas duras e franciscanas, próprias para as caminhadas ásperas e longas, que de chinelos macios, burgueses, de couro mole, em que os pés se deliciam nos ócios caseiros e nos prazeres da sedentariedade; de especialista no preparo de uma carne seca, que é outra expressão do seu espírito ascético e do seu desdém pelos requintes da mesa".

Para o sociólogo pernambucano, se o mineiro é o suíço do Brasil, por seu espírito refletido, moderado e conservador, o cearense é o holandês brasileiro, com sua irrequietude, sua ousadia e seu cosmopolitismo. Enfim, se o Brasil é para todos, até mesmo para outras raças e povos, o Ceará é para o cearense, apenas. Daí o pequeno contingente de estrangeiros no Ceará, não obstante nossa proverbial hospitalidade. Somos, assim, uma clareira na confusão racial do Brasil, pois a miscigenação, entre nós, se limitou praticamente ao português ambicioso e sensual com o índio matreiro e desconfiado. Se em tempos idos se identificava, de modo fácil, o inglês heráldico e aparentemente abúlico, o cearense é inconfundível: de estatura mediana, de cor morena clara, pouca barba, músculos enrijecidos, cabelos lisos ou em vagos anéis, rosto anguloso e cabeça chata. Inconfundível também o é nos caracteres morais: sobriedade e resignação, mas muito espírito de resistência, energia e tenacidade. Ante o inevitável cataclismo cíclico, o homem do Ceará submete-se à lei da natureza, que ele identifica como a vontade de Deus, mas manifesta-se um forte, sem o que não sobreviveria. Músculos de aço do vaqueiro e do jangadeiro e intrepidez do homem do sertão e do homem do mar, que tanto enganam o observador superficial que os surpreende na atitude inconfundível de aconchegar-se a postes e paredes e no dolente embalar da rede, simples intervalos na sua vida de duro labor, espécie de economia de energias que devem ser poupadas para momentos mais próprios. Como as árvores da caatinga, que se desfolham para economizar a pouca água de que ainda dispõem, o cearense aguarda o momento propício para a ação rápida e ágil. Até sua voz engana, no seu arrastar e na sua cantiga, voz dos

aboios, voz das emboladas, voz das serenatas, voz dos desafios, voz que traduz o conformismo diante da natureza, mas voz dos nomes que navalham, que revela, por igual, o orgulho e o pundonor de quem não leva desaforos para casa.

O cearense faz questão de propalar seus próprios defeitos, mas, paradoxalmente, entre os brasileiros é o mais agarrado à terra natal. O povo mais andejo do Brasil é surpreendentemente o que mais reflete a alma nacional.

Assim se explicam a propensão cearense ao estudo de nossos problemas seculares e, embora pareça contradição com essa tendência, o pouco valor que damos às coisas tradicionais pelo simples gosto de conservar. Estuda-se aqui o passado para projetarmos nossas esperanças no futuro. Enquanto em Belém, em São Luís, no Recife e em Salvador, mesmo nas cosmopolitas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, os velhos nomes de ruas, bairros e acidentes gegoráficos permanecem intocados ("Ver o Peso", "Rua do Passeio", "Rua da Aurora", "Terreiro de Jesus", "Rua do Ouvidor" e "Ibirapuera", respectivamente), nossas antigas e belas denominações são desdenhosamente substituídas pelos nomes de líderes políticos, muitos deles passageiros e por isso também abandonados por outros mais recentes ("Rua da Palma", "Rua Formosa", "Rua da Boa Vista", "Beco do Pocinho", "Rua das Flores", "Rua das Hortas", "Rua da Alegria", "Rua do Fogo", "Coqueirinho", "Água Fria", "Cambirimbas", "Tijubana", como se denominam hoje e como se chamarão amanhã?)

A literatura desse povo, a cultura cearense e as artes em nosso Estado haveriam de refletir, inexoravelmente, essa tendência que espanta e por isso nem sempre tem sido compreendida lá fora.

As dificuldades começam com a nossa tardia colonização desde que comparada com a do resto do País, inclusive com as demais Capitanias do Norte e do Nordeste. O primeiro lusitano que aqui aportou, em 1603, fê-lo mais de um século depois da descoberta do Brasil. E para cá veio, de início, não com o desejo de ficar, mas de servir-se do Ceará como mero trampolim para a expulsão dos franceses do Maranhão. É bem verdade que, fracassada aquela primeira tentativa portuguesa de ocupação de nosso território, Pero Coelho, seu comandante, se fixaria na foz (margem direita) do rio Ceará, trazendo para cá sua família. Mas não é menos verdadeiro que a primeira seca enfrentada pelo homem branco em nossa terra (1605) fê-lo recuar, fracassado, aos pontos já dominados pela lusa gente. O mesmo se daria depois com os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira (1607) e, anos após, com Martim Soares Moreno

(o "guerreiro branco" de "Iracema"). Igual destino teriam os holandeses George Gartsman (1637) e Matias Beck (1649), em duas tentativas fracassadas, tendo realmente início a ocupação do território cearense em 1655, com a posse do Forte Schoonenborch, depois Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, pelo português Álvaro de Azevedo Barreto. Mas, a rigor, o cearense passou a manifestar seus primeiros vagidos no campo da literatura e da cultura em geral somente com os chamados "Oiteiros" que o Governador Inácio de Sampaio, pelos idos de 1613 e anos seguintes, patrocinou, em sua própria residência e sede do Governo, o depois chamado "Palácio da Luz", onde se manteve a administração cearense até a década de 1970, quando inaugurado foi o "Palácio da Abolição", na Aldeota. Era movimento que se filiava ao chamado neoclassicismo e os versos de seus integrantes (pois poetas eram quase todos, senão todos os que nele militavam) eram medíocres e louvinheiros. Como exemplo dessa poesia que somente merece registro por seu pioneirismo, damos abaixo o soneto intitulado "Ao aumento da Vila de Fortaleza", de José Pacheco Espinosa, integrante do grupo palaciano:

"Vai ó Fama, por toda a redondeza,
Publicando por tuas bocas cento,
Do Ceará que foi pobre o muito aumento,
A grande exportação, suma riqueza.

"Dize que já se vê fausto, e grandeza,
Na sua Capital do Chefe acento:[3]
Que polícia já tem, tem luzimento,
E tem o que não tinha, Fortaleza.[4]

"Dize que do Governo a alta mente,[5]
Estas obras brotou assaz louvadas,
Por todos, sim, por todos geralmente;

Erários novos, rampas,[6] e calçadas,
Aterro, chafariz, Aula excelente,
Novas ruas, muralhas elevadas!"

Integravam esse grupo literário, além do autor do indigesto soneto acima transcrito, Antônio de Castro e Silva, Pedro José da Costa Barros, Manuel Correia Leal e o Pe. Lino José Gonçalves de Oliveira.[7]

Transferido o Governador Sampaio para outras plagas, retornou o Ceará ao marasmo cultural anterior, merecendo re-

gistro, por motivo mais histórico do que literário, o primeiro jornal cearense, o *Diário do Governo,* editado a partir de 1.º de abril de 1824 como órgão oficial da "Confederação do Equador". Teve vida efêmera como o movimento político de que era porta-voz.

Obteve repercussão em nossa cultura a criação do Curso Jurídico em Olinda, no ano de 1827. Após 18 anos de atividades (1845), dos 555 bacharéis nele formados, 42 eram cearenses.

De real significação foi a ação do jornal "Pedro II", órgão do Partido Conservador, vindo a lume em 1840. Seis anos após circularia *O Cearense,* para defender os interesses do Partido Liberal, sob a chefia de um vero intelectual, o futuro Senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Este, aliás, ajudaria a fundar e, como seu primeiro Diretor, instalaria em 1845 o Liceu do Ceará, fadado a formar sensível parcela da intelectualidade cearense.

Sinais de que algo de bom prometia acontecer na cultura cearense foi o aparecimento, em 1849, do jornal *Sempre-Viva,* dedicado exclusivamente à literatura e editado nas oficinas do *Pedro II.* Eram seus colaboradores Juvenal Galeno da Costa e Silva e Gustavo Gurgolino de Sousa.

Concomitantemente e desde 1842, a fundação do "Teatro Taliense" animaria saraus literários aproveitando o intervalo das peças teatrais.

Progredia culturalmente o Ceará. Em 1849 fundava-se em Fortaleza a primeira livraria, de propriedade de Manuel Antônio Rocha Júnior, que não somente vendia como alugava livros.

Juvenal Galeno em 1856 publicaria seus "Prelúdios Poéticos", quatro anos após o poema fantástico "A Machadada", e em 1861 a comédia "Quem com ferro fere com ferro será ferido" e o poemeto "Porangaba". Suas deliciosas "Lendas e Canções Populares", fruto aliás de conselhos dados por Gonçalves Dias, que aqui viera integrando a chamada "Comissão das Borboletas" (organizada pelo Imperador Pedro II para estudar as peculiaridades cearenses com o objetivo de resolver nossos seculares problemas), somente em 1865 viriam a lume. (8) Quem não conhece "Cajueiro Pequenino" e "Minha Jangada de Vela"?

Foram desse tempo os livros "Os Meus Primeiros Cantos", do pernambucano Manuel de Sousa Garcia, que viria a falecer como integrante de nosso Tribunal de Justiça, e "Inspirações Poéticas", do maranhense Frederico José Correia. E desde 1867 até 1869 circularia o periódico *A Estrela,* fundado por José de Barcelos, então aluno do Liceu Cearense, com a colaboração de Antônio Bezerra.

Ainda desse tempo são os livros do Senador Pompeu intitulados "Compêndio de Geografia" (1856), "Esboço Geográfico" (1863) e "Geografia Geral" (1869).

Encerra-se então aquilo que os pesquisadores consideram como sendo a primeira fase da literatura cearense.

Suceder-se-ia uma outra etapa fortemente marcada pela organização da "Academia Francesa do Ceará" (1870). Sua denominação, por si só, revela a influência da Revolução Francesa em seus diversos membros, que os fatos viriam a confirmar. Comprova-o igualmente, o título do jornal que motivou a sua organização, no qual escreviam os futuros componentes da entidade — *A Fraternidade,* em forte oposição aos bispos brasileiros na chamada "Questão Religiosa". Foram figuras exponenciais da "Academia Francesa do Ceará" Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Rocha Lima, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (filho do Senador e dele distinguido apenas porque lhe antepunham ao nome o título de doutor), Xilderico de Farias, João Lopes, Antônio José de Melo e outros.

Se dispensada fica qualquer referência mais demorada sobre Capistrano e Araripe Júnior, que se tornariam, na época, os mais autorizados em suas especialidades culturais no país, conveniente será uma alusão, embora breve, a Rocha Lima, autor do livro póstumo (faleceu em 1877, com 23 anos!) "Crítica e Literatura", que mereceu três edições e autorizados comentários de Djacir Menezes. Um belo talento que muito prometia e a fatalidade nos roubou. A fundação de uma "Escola Popular" completou o ciclo de atividades da "Academia Francesa do Ceará", que Tristão de Ataíde considerou o primeiro grande movimento cultural do Ceará, este de natureza filosófica.

O ano de 1875 é o da fundação do "Gabinete Cearense de Leitura", sob a responsabilidade de Antônio Domingues da Silva, João da Rocha Moreira, Fausto Domingues da Silva, Joaquim Álvaro Saraiva, Antônio Domingues dos Santos Filho, Vicente Alves Linhares Filho e Francisco Perdigão de Oliveira. Foi uma espécie de retorno aos livros após a agitação dos liberais da "Academia Francesa do Ceará".

Mas a calmaria pouco duraria. O movimento abolicionista de 1880 a 1884, quando foram libertados todos os escravos do Ceará, sacudiria a sociedade cearense quase toda. A circulação do jornal *O Libertador* e a organização de várias sociedades emancipacionistas (dos mais moderados) e libertadoras (dos radicais) agitaram o ambiente, inclusive sob o aspecto literário. São mostras disto os livros "Três Liras", de Antônio Bezerra, Antônio Martins e Justiniano de Serpa, e o romance "A Afilhada", de

Oliveira Paiva, que muitos anos após sua morte seria considerado como o grande romancista de "Dona Guidinha do Poço".

Vejamos alguns excertos dessa poesia comprometida ou "de tese", como se diz hoje. São de Antônio Bezerra, o grande pesquisador e historiador conterrâneo, não forte porém no estro, os seguintes versos:

Versos oferecidos à sociedade "Perseverança e Porvir" por ocasião de fundar a sociedade "Cearense Libertadora".

"Moços! uma grande idéia
Vos anima os corações.

. . . . . .

Sois poucos, mas resolutos
Cheios de crença e valor,
São nobres vossos esforços
E mais nobre vosso amor.
Amor à causa sublime
Daqueles a quem oprime
O estigma da escravidão,
A quem só coube por sorte
Miséria e dor — té que a morte
Os livre à degradação."

De Antônio Martins segue-se esta amostra:

"Hoje a luz sobre as esferas
Dos Municípios a flux,
Que o Brasil se purifique
Deste calvário na luz!

. . . . . .

Libertai! dai vida aos lázaros
Que dormem na escravidão!
Esmagai a negra hidra
Que nos morde o coração!
Venham, guerreiros de Cípio,
De aurora d'um Município
Façamos hoje o princípio
De amor p'ra toda a Nação."

Finalmente, eis um trecho do poema de Justiniano de Serpa oferecido "à distinta sociedade das Cearenses Libertadoras":

"Estamos em pleno templo
Da Liberdade e da luz!
Como é belo o vosso exemplo!
Como arrebata e seduz!

.....

"Eu vos saúdo, heroínas,
No vosso posto a lutar!
Erguei a fronte às boninas
Da glória a vos enflorar!
Pedi mais luz às estrelas,
E escrevei ao clarão delas
— Milagres do vosso amor!
Repeti à Humanidade:
"Nesta terra a Liberdade
Jorra luz como um tabor!"

Essa agitação libertadora foi considerada por Tristão de Ataíde como o segundo grande movimento cultural cearense, não mais filosófico, como o primeiro, mas político por excelência.

Seguindo a lei inexorável dos ciclos econômicos, políticos, sociais ou religiosos, sucederia àquela agitação a calmaria de outra entidade, em 1886, intitulada "Clube Literário", desta vez de natureza tipicamente cultural, a desenvolver-se em torno da revista *A Quinzena*, que a Academia Cearense de Letras, na presidência de Cláudio Martins, em boa hora reeditou, com introdução de minha autoria. Foi um verdadeiro "renascimento cultural" para o Ceará, segundo o parcimonioso Barão de Studart. Nele militavam Farias Brito, Antônio Martins, Justiniano de Serpa, João Lopes, Antônio Bezerra, Juvenal Galeno, Virgílio Brígido, Oliveira Paiva, Abel Garcia, José de Barcelos, Francisca Clotilde e outros.

Fiel àquela vocação de início aqui lembrada, foi fundado em 1887 o venerando Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), constituído, a princípio, de doze sócios, dos quais vale ressaltar o Barão de Studart, seu nume tutelar, e o Desembargador Paulino Nogueira, seu primeiro presidente. É desse ano a circulação de sua Revista, com 100 tomos publi-

cados sem falhar um só ano, com exceção única do tomo relativo a 1929-1930, que englobou os dois períodos, além de 7 tomos especialmente relativos a 1924, 1929, 1938, 1956, 1972, 1977 e 1984. A benemérita entidade cultural é responsável, ainda, por um Boletim, cuja circulação teve duas fases e finalmente cessou; pela Coleção Histórica do Ceará, com os seguintes tomos publicados: 1.º volume da "Pré-História cearense", de Tomás Pompeu Sobrinho; "Proto-História cearense", do mesmo polígrafo; "História Econômica do Ceará", de Raimundo Girão; "História Militar do Ceará", de Eusébio de Souza: 4 tomos da "História da Literatura Cearense", de Dolor Barreira; "História do Ensino no Ceará", de Plácido Aderaldo Castelo; e 2 tomos da "História das Secas", o primeiro de Joaquim Alves e o segundo de Tomás Pompeu Sobrinho. O Instituto do Ceará patrocina, ainda, a Coleção "História e Cultura" com 9 volumes divulgados.

O que tem produzido essa entidade cultural fica evidenciado ainda mais pelo fato de o grande historiógrafo brasileiro José Honório Rodrigues se ter debruçado sobre a Revista do Instituto e organizado um seu alentado e minucioso índice.

Muito poderia ser dito sobre o trabalho intelectual dos sócios dessa entidade, mas forçoso é prosseguir neste esboço histórico de limitados espaços.

Em 1892, cinco anos após a fundação do Instituto do Ceará, foi organizada uma entidade *sui generis* intitulada *Padaria Espiritual*, misto de coisas sérias com pilhéricos posicionamentos, tendo à frente a marcante personalidade de Antônio Sales. Todos se faziam ouvir através do jornal *O Pão*, que circulou de julho de 1892 a outubro de 1986 e que a Academia Cearense de Letras, sendo presidente Cláudio Martins, fez reeditar com introdução de Sânzio de Azevedo. Cada sócio adotou um criptônimo, sendo Moacir Jurema o de seu principal animador, autor de "Trovas do Norte". Álvaro Martins publicou "Pescadores da Taíba" e assinava Policarpo Estouro. O violinista Henrique Jorge era o Sarasate Mirim. Lívio Barreto, que nos daria "Dolentes", era Lucas Bizarro. Adolfo Caminha, o romancista de "A Normalista" e "Bom Crioulo", assinava-se Félix Guanabarino. Rodolfo Teófilo, polígrafo de vários gêneros, com seus romances, contos e histórias das secas, além de versos, era o Marcos Terrano. Antônio Bezerra, autor de "Algumas Origens do Ceará", escolheu o criptônimo de André Carnaúba. E assim os demais.

Por motivo que nem eu mesmo saberia explicar, prefiro, dentre todas, a lira de Lívio Barreto constante de "Dolentes", não obstante a contradição evidente de sua poesia dolorida e

o aspecto pilhérico da *Padaria* (9). A tanto talvez me leva sua evidente marca simbolista, indiscutivelmente pioneira no Brasil? Ou a vida breve e sofrida do poeta, que morreu aos 25 anos? Ouçamo-la:

Lágrimas

"Lágrimas tristes, lágrimas doridas,
Podeis rolar desconsoladamente!
Vindes da ruína dolorosa e ardente
Das minhas torres de luar vestidas!

Órfãs trementes, órfãs desvalidas,
Não tenho um seio carinhoso e quente,
Frouxel de ninho, cálix rescendente,
Onde abrigar-vos, pérolas sentidas.

Vindes da noite, vindes da amargura,
Desabrochastes sobre a dura frágua
Do coração ao sol da desventura!

Vindes de um seio, vindes de uma mágoa
E não achastes uma urna pura
Para abrigar-vos, frias gotas d'água!"

Tristão de Ataíde considera a *Padaria Espiritual* o terceiro grande movimento intelectual cearense, desta vez de feição eminentemente literária.

A contestação às revolucionárias atitudes dos "padeiros" veio mais forte com a fundação, em 1894, da Academia Cearense, constituída a princípio de 27 sócios efetivos, dentre os quais vale ressalar o Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, seu primeiro Presidente, Farias Brito, Barão de Studart, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Franco Rabelo, Antônio Teodorico, Álvaro de Alencar, Pe. Valdevino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa. Sua preciosa Revista tem passado por várias fases, sendo que a primeira dessas se prolongou de 1896 a 1914, a segunda correspondeu aos anos de 1937 a 1941 e a terceira a partir de 1953, não com regularidade. Foi durante a primeira fase da Academia Cearense que se deu a publicação da "Finalidade do Mundo" de Farias Brito.

Quase simultaneamente com a instalação da Academia Cearense se deu a organização do "Centro Literário" que teve como veículo de suas idéias a revista "Iracema", editada a partir de abril de 1895. Foram principais articuladores dessa instituição Juvenal Galeno, Pápi Júnior, Rodolfo Teófilo, Quintino Cunha, Farias Brito, Eduardo Sabóia, Álvaro Martins, Temístocles Machado, Bonfim Sobrinho e Frota Pessoa. A esses se juntariam outros, como o Barão de Studart, Soares Bulcão, Martinho Rodrigues, Justiniano de Serpa, Fiúza de Pontes, etc.

Em 1899 é fundada a "Iracema Literária", com sua revista 'Praça do Ferreira", participando do movimento José da Cunha Sombra (Sênior), Odorico de Morais, Carlos Ribeiro, Godofredo Maciel, Virgílio de Aguiar, José Lourenço de Castro e Silva, Heitor Marçal, Aluísio Madeira e outros.

E então se encerra, segundo Antônio Sales, a segunda fase da literatura cearense.

Segue-se um aparente hiato em nossas lides literárias. Aparente porque, de fato, muitos dos nossos intelectuais emigraram para outros Estados, especialmente o Rio de Janeiro, nas duas primeiras décadas do século. Teria a agitação política concorrido para isso? É possível e até provável que assim tenha ocorrido, principalmente durante os conturbados anos do domínio da família Accioly. Lá fora, porém, venceram galhardamente, do que é significativo exemplo o caso de Gustavo Barroso, que editou em 1912 seu bem lançado livro *Terra de Sol*.[10].

Nossas atividades intelectuais ressurgem no ano de 1919, com a fundação do Salão, depois Casa de Juvenal Galeno, pela benemérita filha do poeta, Henriqueta Galeno. A eclosão da Primeira Guerra teria também concorrido para aquele marasmo? É igualmente possível e até provável que essa influência se tenha dado, mas é também plausível que um surdo trabalho de reformulação de valores e processos literários se viesse processando surdamente até sua retumbante manifestação na Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo.

Todavia, não se pode silenciar a respeito da singular contribuição do poeta José Albano à literatura cearense, embora vinculada a temas universais e não à problemática de nossa terra. Sua obra é imensa, se não pela extensão, pelo menos por seu valor intrínseco. É ele, sem dúvida, o maior poeta cearense, de cuja lira dou rápida idéia transcrevendo o que se segue, escusando-me de reproduzir os sonetos "Poeta fui e do áspero destino" e "Ditoso quem foi sempre desamado", de minha especial preferência, por serem sobejamente conhecidos. Prefiro lembrar agora os líricos e adoráveis versos de "Esparsa":

"Há no meu peito uma porta
A bater continuamente;
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.

Em toda parte onde eu ando
Ouço este ruído infindo:
São as tristezas entrando
E as alegrias saindo."

A reação das velhas correntes ainda se processava com bastante força, de que são exemplos a lira de José Albano e a reorganização da Academia Cearense, em 1922, sob o patrocínio de Justiniano de Serpa (então Presidente do Estado), e a edição do *Ceará Ilustrado*, em 1924 e 1925. Como não recordar, por igual, os belos versos do Pe. Antônio Tomás, de Júlio Maciel, de Cruz Filho, de Mário da Silveira, de Carlyle Martins, de Mário Linhares, de Otacílio de Azevedo e tantos mais, parnasianos e simbolistas, que versejaram entre nós? Como mostra dessa poesia citemos, na impossibilidade de maior alongamento, três sonetos bem representativos dessa fase; o primeiro da lavra do Pe. Antônio Tomás, outro da autoria de Júlio Maciel e o terceiro produzido por Otacílio de Azevedo:

Contraste

"Quando partimos no verdor dos anos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco à frente,
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.

Então nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz,
E vemos que sucede exatamente.

O contrário dos tempos de rapaz:
— Os desenganos vão conosco à frente
E as esperanças vão ficando atrás."

Verde

"Há uma ressurreição no sertão rudo.
Uma ressurreição! — Verde e risonho
É o vale, verde a serra, é verde tudo
Em que os meus olhos, deslumbrados, ponho.

Bruto alcantil de aspecto mau, desnudo
Esvão de terra, ríspido e tristonho,
— Agora, têm braduras de veludo,
Verdes agora os vejo, como em sonho!

Em cisma, a sós, contemplo verde liana,
Verde, tão verde, com carícia humana
As ruínas afagando a uma tapera.

E, na contemplação que me não cansa,
Sinto quão doce és tu, cor da Esperança
— Até nos olhos de quem nada espera..."

Carro de bois

Rondam, tardas, gemendo, as rodas, arrastando
os pesados pranchões de pau-d'arco. Angustiado,
ora aflito e roufenho, ora moroso e brando,
todo o carro de bois é um soluço abafado...

À hora viúva e glacial do crepúsculo, quando
o sol desce, o seu canto é tão doce e magoado
que ora nos prende à terra, ora nos vai levando
na asa de oiro de um sonho a um longínquo passado...

Choram, tristes, à frente, os bois mortos de sono...
Há uma vaga tristeza, uma ansiedade em tudo
e a paisagem dir-se-ia um pôr de sol, no outono...

Oh! Natureza Mãe! sei quanto sofres, pois
vejo, ansioso, rolar todo o teu pranto mudo
pelos bons olhos melancólicos dos bois...

Mas em 1928 a rebeldia manifesta-se também no Ceará, através do jornal *Maracajá*, espécie de suplemento mais espaçado do diário *O Povo*, com Demócrito Rocha, João Jacques, Sidnei Neto, Mozart Firmeza e Franklin do Nascimento como

figuras principais. Registre-se o aparecimento, nessa época, do livro "Canto Novo de Raça", de Sidnei Neto, bem como a estréia retumbante de Raquel de Queirós (1930) com seu romance "O Quinze".

De 1930 é também o periódico *Cipó de Fogo*, sob a direção de Mário Sobreira de Andrade (depois Mário de Andrade do Norte), João Jacques e Heitor Marçal. Assim como desse tempo são as revistas *A Farpa*, de Perboyre e Silva, Plácido Aderaldo Castelo e Paulo Sarasate; *Iracema*, de Ernani Gomes, Plácido Aderaldo Castelo, Stenio Gomes e Filgueiras Lima; *Jandaia*, de Aldo Prado; *Baton*, *Fortaleza e Sol* de Martins de Alvarez.

No campo dos livros, assinale-se a edição, nessa época, de *Terra de Ninguém*, de Jáder de Carvalho; *Meteoro*, de Mozart Firmeza; *Festa de Ritmos*, de Filgueiras Lima, *Aleuda*, de Carlos Cavalcante; *Vitral* (versos) e *Quarta-Feira de Cinzas* (novela) de Martins de Alvarez.

Em 1930 a Academia Cearense mais uma vez se reorganiza, desta feita sob o patrocínio de Matos Peixoto, Presidente do Estado. Os que não constaram de seu novo quadro organizaram a Academia de Letras do Ceará, recebendo orientação de Henriqueta Galeno.

Em 1935, alguns liceístas e outros oriundos desse tradicional estabelecimento de ensino secundário instituem a "Escola Moça de Cultura". Relembrem-se a respeito Walter de Sá Cavalcante, Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Yaco Fernandes, Moreira Campos, Ari de Sá Cavalcante, Francisco Vasconcelos de Arruda, Marcos Botelho, Ernesto Pedro dos Santos, Paulo Botelho, Germano Holanda e outros. São desse tempo os livros *Alguns Poemas*, de Antônio Girão Barroso; *Manhã de Amor*, de Manoel Albano Amora; *Evangelização*, de Sinobilino Pinheiro; e *A Epopéia Acreana*, de Freitas Nobre. Escrito nesse tempo, mas somente editado como obra póstuma, é o livro *Notícia do Povo Cearense*, de Yaco Fernandes.

Não me escuso de transcrever, por reputar bem representativo da literatura da época, dois poemas dos livros de Antônio Girão Barroso e Manoel Albano Amora.

Eis o *Poema* de Girão:

"Mânia, tu és a flor melhor, a flor mais cara,
A mais bela, a mais doce,
A mais cheia de essência do luar,
Pois o luar era assim, encantado e florido,
O luar de quando Deus fez a terra e o mar.

Mânia, tu és a flor mais tenra, a flor mais pura,
Tu não nasceste aqui, tu vens de longe,
Vens de algum lago ou de alguma planura.
Tu não pertences não
Ao mundo assim, à vida assim...

Tu vens mesmo de Deus, do Ocaso
Onde a primavera desceu eternamente
E os lírios não fenecem nem fenecerão.
Os lírios que são brancos como o luar
E puros como tu, Mânia!" (11)

De Manoel Albano Amora vai a seguir o seu poema *Chopin:*

"Chopin tocou para mim.
Em minh'alma estão guardados os acordes de um "Noturno".
Música dolorosa e quente como alguma cousa.
Chopin, clássico Chopin, a Polônia foi só um acidente,
porque tu serás sempre francês e eterno.
Irmão latino, eu também gosto dos casos, e bendiria
o que me fizesse cidadão do céu sem dores.
E a tua música, Chopin, é guia dos forasteiros,
conduzindo-me a um paraíso muito bonito e silencioso.
De repente, um vulto, alto da terra, vem vindo.
Vem chegando, poeta.
Toca uma romântica saudação, meu Chopin." (12).

Registre-se, embora de passagem, a organização do Instituto Cultural do Cariri e da Academia Sobralense de Estudos e Letras, que vêm prestando relevantes serviços à cultura nas respectivas regiões que atuam. E, mais recentemente, a atuação do Insituto Cultural do Vale Caririense.

Finda aqui a terceira fase da literatura cearense, tendo início a etapa da chamada Geração 45, responsável no Ceará pela institucionalização do Grupo Clã, pela reorganização da Academia Cearense de Letras, desta vez sob a tutela amorável mas segura de Dolor Barreira, e a criação da Secretaria Estadual de Cultura, no Governo de Plácido Aderaldo Castelo.

Como se formou o Grupo Clã? Depõe, a respeito, Fran Martins, o líder natural do movimento: — "A idéia original era a de fundar uma editora para publicar a produção, sempre crescente, da nova geração de escritores do Estado. Essa idéia foi publicamente manifestada por ocasião do 1.º Congresso de Poesia do Ceará, que desejava também fossem criados um Clube

para os escritores, um Atelier para os pintores e um Teatro para atender aos que, como Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides, se dedicavam, como atores e autores, à arte cênica. (...) A aspiração maior dos que projetaram o 1.º Congresso de Poesia do Ceará foi, mais tarde, por eles mesmos realizada com a criação das *Edições Clã*, segundo se verá adiante. O Clube que também foi pelos próprios escritores, mais tarde, constituído, com a criação do Clube de Literatura e Arte, representava uma aspiração dos congressistas porque desejavam eles manter sempre unidos aqueles artistas, poetas e assemelhados, para futuras iniciativas, ou simplesmente para um contacto mais permanente, como acontecia em outras terras. O Atelier seria um lugar onde os artistas plásticos poderiam trabalhar mais à vontade pois no momento o ponto de encontro maior de todos era o acanhado atelier do pintor Mário Baratta, localizado nos altos de um cinema, depois numa esquina familiar, causando incômodos morais às famílias da vizinhança porque lá, pela primeira vez nesta terra, ao que se saiba, havia modelos vivos que, por pouco dinheiro, posavam nuas para os outros artistas — modelos que eram, dizia-se, mulheres da vida. E quanto ao Teatro, que atenderia às aspirações dos teatrólogos Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides, a sua criação se prendia ao fato de na cidade existirem, apenas, além do inacessível Teatro José de Alencar, que só seria cedido aos grupos de amadores quando da encenação anual do "Mártir do Gólgota", os palcos do Centro Artístico Cearense, da Associação dos Merceeiros e da Fênix Caixeiral, entre os dignos de serem freqüentados, além do teatrinho de S. Gerardo, onde os teatrólogos congressistas, além do também primo Padre Expedito Eduardo de Oliveira, mais tarde elevado à dignidade de Bispo, exercitavam suas qualidades de atores e autores. (...) Nas artes plásticas, o agrupamento de pintores, desenhistas e poucos escultores, muito dos quais participaram ativamente do Congresso, se fez em torno da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), que contou com a atuação de Antônio Bandeira, Aldemir Martins, J. Siqueira, Jean-Pierre Chabloz, Inimá de Paula, Hermógenes, Carmélio Cruz e, em destaque, Mário Baratta, que, entre outras coisas, redescobriu o mestre Raimundo Cela, trazendo-o para contato dos moços. E no tocante à literatura foi por mim instalada em 1943, a pedido de Otávio Tarquínio de Sousa, a Secção Cearense da Associação Brasileira de Escritores, com a participação dos literatos que organizaram o Congresso. E posteriormente formaram-se a Cooperativa Edições Clã, o Clube do Livro Cearense, o Clube de Literatura e Arte. E foi justamente um dos promotores do Con-

gresso, Antônio Girão Barroso, que, em julho de 1946, numa reunião da Associação Brasileira de Escritores, Secção do Ceará, a que estavam presentes, entre outros, os ex-congressistas de poesia Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Mário Baratta, Braga Montenegro, Aluízio Medeiros e João Clímaco Bezerra, propôs a realização do I Congresso Cearense de Escritores, iniciativa que se efetivou com sucesso, instalando-se o Congresso a 7 de setembro de 1946. (13) E depois do Congresso veio a *Revista Clã*, em torno da qual, nestes últimos trinta e cinco anos, se congregam poetas, contistas, romancistas, críticos, cronistas, historiadores, escritores em geral, a que se tem dado o nome de "Grupo CLÃ", que eu prefiro chamar "Grupo de CLÃ".

Até aqui Fran Martins, em longa mas necessária transcrição por se tratar de quem mais autorizado se acha para falar sobre o assunto. Outros, quase todos os integrantes do Grupo, já se haviam manifestado a respeito no número 27 da revista. Antônio Girão Barroso, por exemplo, pergunta: — "Agora, por que esse nome? A explicação não deixa de ser complicada. Tratava-se de criar aqui um Clube de Arte Moderna, cujas letras iniciais formariam a sigla CLAM, assunto tratado em reunião havida antes do Congresso no escritório do Prof. Olavo de Oliveira, presentes o filho deste, Raimundo Ivan, entre outros, assim como poetas e pintores, este escriba, Mário Baratta e outros. (...) Esse Clube de Arte Moderna nunca foi sequer criado. Mas surgiu a Editora "Clan", denominação mudada depois para Edições Clã (durante algum tempo, em forma de cooperativa: Cooperativa Edições Clã Ltda.), e, em fevereiro de 1946, o Clube de Literatura e Arte, assim denominado para coincidir com as três letras da sigla, ausente apenas o til do a... E a revista, no fim desse mesmo ano, como já foi dito. (...) O primeiro lancamento das Edições Clã foi, na verdade, uma plaqueta — "Três Discursos", de Eduardo Campos, Mário Sobreira de Andrade e AGB, publicada em 1943". (15)

Seguindo o exemplo dos demais, também falei a respeito, dizendo o que se segue: "Muito se falou mas pouco se disse de Clã, o maior movimento cultural do Ceará em todos os tempos, que aconteceu a partir da década de 40. Saliente-se que até integrantes do grupo já prestaram o seu depoimento, e não será este meu que irá esgotar o assunto. Nós, os de Clã, certamente que falamos de modo correto, mas incompletamente. O que dizer dos outros? Incompletos e incorretos, geralmente. Ainda há pouco um livro de apreciação geral da literatura cearense foi injusto para com alguns membros de Clã, especialmente aqueles que não se caracterizaram como poetas ou prosadores de ficção. E aí

é que reside o grande engano: Clã não foi apenas um movimento de poetas e prosadores de ficção, mas um movimento cultural que abrangeu todo o vasto campo da atividade literária. Deu-nos um sociólogo da marca de Joaquim Alves e um ensaísta do porte de Stenio Lopes. (...) Sem aqueles dois o movimento ficaria manco. (...) Sei que não digo heresia ao afirmar que Clã não se gerou somente no convescote de Mondubim, (...) realizado a 26 de outubro de 1942. Então o movimento já existia, embrionário embora, tanto que a famigerada domingueira veio a realizar-se. Antes, muito antes, quando do meu regresso do Rio, em fins de 1938 ou começo de 1939, após fazer um curso de literatura brasileira com Tristão de Ataíde, que conversávamos, principalmente Girão e eu, sobre o fenômeno literário. (P.) A coisa, assim, foi-se formando, não digo por geração espontânea, mas paulatinamente. A guerra iniciada em setembro de 1939 foi outra sacudidela na turma até que se fez, em protesto contra aquela monstruosidade, o 1.º Congresso de Poesia do Ceará, tão incompreendido que provocou um Congresso sem Poesia, de oposição ao nosso. Tudo, afinal, se esclareceu e os próprios opositores foram se juntando, aos poucos, ao nosso movimento. Pensou-se em batizá-lo, primeiramente, com o título de Clube de Arte Moderna, de que resultaria a sigla CLAM. Em seu lugar criou-se a Editora Clan, com N e não mais com M, depois crismada de Edições Clã, sem N e com til no A, já então definitivamente estabelecido o nosso nome, em decorrência do que foi achado por acaso: Clã é grupo, é família. Era isto o que nós éramos. Por isso surgiu, a título de experiência, o número zero da revista "Clã", em dezembro de 1946. (...) O n.º 1, assim classificado, somente saiu em fevereiro de 1948". (16)

Após tantos anos (mais de quarenta bem contados), como se acha o Grupo? Volto a transcrever o que dito ficou no depoimento meu aludido: — "De lá para cá como que paramos, porém o espírito de Clã, que é mais importante do que tudo o mais, sinto que persiste intacto. Os poetas Antônio Girão Barroso, Aluízio Medeiros, Artur Eduardo Benevides e Otacílio Colares que editaram o primeiro livro de versos do Grupo Clã — "Os Hóspedes", os contistas Braga Montenegro, Eduardo Campos e Moreira Campos, os romancistas Fran Martins, João Clímaco Bezerra e Lúcia Martins, o ensaísta Stênio Lopes, o cronista Milton Dias e o sociólogo Joaquim Alves (de mim não falo, por não ser direito que o faça), todos ainda hoje, e os mortos até o seu finamento, são e foram fiéis ao programa traçado de início. Por isso, sem querer melindrá-lo, discordo do meu grande amigo e não menor poeta Artur Eduardo Benevides, quando afirmou que somos hoje cada qual uma ilha, mesmo em termos

literários. Se a imagem se reflete a certa (não total) distância física, seriamos quando muito um arquipélago". (17)

Ao longo desta já demorada peregrinação pela literatura cearense, através dos tempos, convenhamos que muita coisa que poderia ter sido dita infelizmente não o foi. Contingência dos trabalhos humanos... Mas se salve, ao menos, o esforço no sentido de conexar nossa produção intelectual com aqueles caracteres de nossa gente, a princípio apresentados, de que é exato parâmetro a bela poesia de Artur Eduardo Benevides intitulada precisamente "Elegia Cearense", a seguir transcrita:

"1. Longo é o estio.
Longos os caminhos para os pés dos homens.
Longo o silêncio sobre os campos. Longo
o olhar que ama o que perdeu
Já não vêm as auroras no bico das aves
nem se ouve a canção de amor
dos tangerinos.
A morte nos abóia. Exaustos, resistimos.
E se acaso caímos no chão os nossos dedos
começam a replantar a rosa da esperança.
Ai Ceará
teu nome está
em nós como um sinal
de sangue, sonho e sol!
Chão de sírios e espadas flamejantes,
território que Deus arranca dos demônios,
mulher dos andarilhos, dália da canícula,
em nós tu mil rorejas. Pousas. És canção.

"2. Para cantar-te me banho em tua memória
e ouço tua voz enternecida
diante de esfinges soluçando.
Oh! ver-te apunhalalda — e o sol
roubando tua frágil adolescência
e pondo em tua face o esgar
de quem se sente, súbito, perdido.
Teus pobres rios secam
os galhos perdem os frutos
as aves bicam o céu
fogem as nuvens.
Então ficamos escravizados
à tua sede austera, ao teu desejo
de um dia seres bela igual às noivas
que se casam no fim de teus invernos.

Triste é ver as crianças finando-se nos braços
de mães alucinadas que vendo-as à morte
inda cantam de amor canções do tempo antigo.
E ficas desesperada vendo filhos
ao longo das estradas onde há pouco
trabalhadores cantavam ao entardecer.
Mudas a voz, então: és cantochão
és réquiem crescendo à sombra de degredos
és rouca como presos que murmuram
palavras dos dias em que foram
jovens e felizes.
Para cantar-te, Bem-amada telúrica,
seria feliz se em vez de vãs palavras
tivesse em minha boca chuvas e sementes,
Ai, viúva do inverno, flor violentada,
teu sol não brilha: queima. Mas um luar
renasce para sempre no olhar
dos homens.
Ó grande olhar de pedra, sede e solistício:
te dessem um novo reino e nunca o aceitarias!

"3. Belos são os teus frutos porque são difíceis.
Em cada sepultura tua nasce uma rosa.
Em cada filho teu o amor é como o inverno.
Jamais tu morrerás. Não seríamos fortes
se por ti não estivéssemos
em vigílias cruéis, ó mãe!
Mas se as chuvas te querem
como loucos partimos
para o amanho da terra.
Os campos então ficam maduros
qual ventre de mulher,
e as bocas
— tranqüilas e felizes —
gritam
palavras de amor
que erguem
primaveras."

Nada mais me sendo perguntado (o tema que me foi proposto por Martins Filho, dinâmico Presidente do Instituto do Ceará, compreende o período "Dos Oiteiros ao Grupo Clã"), aqui encerro o apanhado geral (e por isso mesmo incompleto), da literatura cearense, manifestando, embora, *ab imo pectore*, o insupitável desejo de que as gerações posteriores realizem

coisa igual, ou melhor mesmo, mantendo bem vivo o espírito indomável e irrequieto deste nosso grande povo, antitradicionalista mas eminentemente criador, andejo porém apegado inflexivelmente à terra do berço, afeito ao sofrimento embora alegre e descontraído, como a confirmar o velho ditado seu de que "desgraça pouca é bobagem".

NOTAS

1 — JÚLIO, Sílvio. *Terra e Povo do Ceará*. Rio de Janeiro: Ed. R. Carvalho & Cia. Ltda., 1936, p. 29.

2 — FREYRE, Gilberto — "Precisa-se do Ceará", Conferência pronunciada no Teatro José de Alencar, de Fortaleza, em 1944.

3 — Ortografia do original, segundo registra Dolor Barreira em estudo que fez a respeito dos *Oiteiros* ("Associações literárias e científicas no Brasl, e particularmente no Ceará — *Oiteiros, in Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza: 1943, p. 148 a 204. O soneto transcrito acha-se na p. 183 do acima referido estudo.

4 — O poeta alude ao fato de ter o Governador Inácio de Sampaio construído, de alvenaria, a parte da fortaleza que ainda hoje resiste às intempéries, em substituição à paliçada do holandês Matias Beck e aos consertos nela feitos pelos comandantes aqui sediados que se lhe seguiram.

5 — Tal como no original referido na nota 3.

6 — Assim, também, no original.

7 — Responsável maior pela exumação do movimento dos *Oiteiros,* foi, como ficou dito antes, o grande pesquisador e historiador Dolor Barreira, no trabalho inserto na *Revista do Instituto do Ceará,* anos de 1934, e aqui já citado, depois magistralmente desenvolvido em sua magnífica *História da Literatura Cearense,* 1.º Tomo, Ed. Instituto do Ceará, Fortaleza 1948, p. 67 a 73. Desse movimento também tratou, com autoridade, Sânzio de Azevedo, em *Literatura Cearense,* publicação da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1976, p. 19 a 26. Antônio Sales ("Histórias da Literatura Cearense", *in O Ceará,* Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, 3.ª edição, Ed. Instituto do Ceará, Fortaleza, 1966, p. 156 a 266) e Mário Linhares ("História Literária do Ceará", 1.º tomo, Rio de Janeiro: sem indicação de editora, 1948) não tratam dos *Oiteiros.*

8 — Renato Braga publicou o resultado de suas exaustivas pesquisas sobre essa Comissão, obra de grande valor científico, intitulada *História da Comissão Científica de Exploração,* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

9 — Esse livro teve duas edições. A primeira datada de 1897, após a morte do poeta, por iniciativa de Valdemiro Cavalcante, também "padeiro" e

conterrâneo do autor, que o prefaciou. A segunda é de 1970, comemorativa do centenário de nascimento do poeta, sob o patrocínio da Secretaria de Cultura do Estado e da Academia Cearense de Letras e da iniciativa de Braga Montenegro, com introdução de Sânzio de Azevedo.

10 — BARROSO, Gustavo *Terra de Sol.* Rio de Janeiro: Ed. da Emp. Litter e Tipográfica, 1912.

11 — BARROSO, Antônio Girão. *Alguns Poemas.* Fortaleza: Edésio Editor, 1938.

12 — AMORA, Manoel Albano. *Manhã do Amor.* Fortaleza: Edésio Editor, 1938.

13 — Esse Congresso realizou-se com grande sucesso, sob a presidência de Martins Filho, publicando-se depois os anais desse cometimento de iniciativa da ABDE — Secção do Ceará e do Grupo Clã, com o apoio das demais entidades culturais do Estado. Ver "AFIRMAÇÃO", Fortaleza: Edições Clã, 1947.

14 — MARTINS, Fran. *A Semente, in CLÃ,* n.º 28, Fortaleza: dezembro de 1982, p. 7 a 11.

15 — BARROSO, Antônio Girão. "Esse tal de Grupo Clã", *in CLÃ,* n.º 27, Fortaleza: março de 1981, p. 7 e 8.

16 — ADERALDO, Mozart Soriano. Depoimento *in: CLÃ* n.º 27, Fortaleza: março de 1981, p. 13 e 14.

17 — ADERALDO, Mozart Soriano. Idem.

18 — BENEVIDES, Artur Eduardo. *Canto de Amor ao Ceará.* Fortaleza: Edição da Universidade Federal do Ceará, 1985, p. 15 a 17.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense,* monografia n.º 18 da Grande História do Ceará, sob o patrocínio do Instituto do Ceará, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º tomos. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948, 1951, 1954 e 1962.

LINHARES, Mário. *História Literária do Ceará.* Rio de Janeiro: sem indicação da editora, 1948.

SALES, Antônio. *História da Literatura Cearense, in: O Ceará,* organizado por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, p. 257 a 266.

LIMA, Filgueiras *A Literatura Cearense depois de 1920, in: O Ceará,* organizado por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, p. 268 a 271.

MONTENEGRO, Braga *Atualidade Literária do Ceará, in: O Ceará,* organizado por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, p. 272 a 282.

AZEVEDO, Sânzio de: *Literatura Cearense.* Fortaleza: Publicação da Academia Cearense de Letras, 1976.

JÚLIO, Sílvio. *Terra e Povo do Ceará.* Rio de Janeiro: Ed. R. Carvalho & Cia. Ltda., 1936.

AZEVEDO, Sânzio de. *Os Padeiros e seu periódico,* prefácio à reedição fac-similar de *O Pão,* órgão da *Padaria Espiritual.* Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1982, fls. V a XIX.

ADERALDO, Mozart Soriano. *Renascimento Literário Cearense,* prefácio à reedição fac-similar de *A Quinzena,* órgão do "Clube Literário". Fortaleza. Edição do BNB, 1984, fls. IX a XVI.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual.* Fortaleza: Edésio Editora, 1938.

CLÃ — 28 volumes publicados.

O PÃO — Fortaleza: Edição fac-similar da Universidade Federal do Ceará, com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Fortaleza e sob o patrocínio da Academia Cearense de Letras, 1982. Introdução de Sânzio de Azevedo e nótula de Cláudio Martins.

A QUINZENA — Fortaleza: Edição fac-similar do Banco do Nordeste sob o patrocínio da Academia Cearense de Letras, 1984. Introdução de Mozart Soriano Aderaldo e nótula de Cláudio Martins.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ — 100 volumes ordinários e 7 especiais publicados.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS — 41 volumes publicados.